

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

DENISE MATOS VIEIRA

FARPA, UM CONTO ALAGOANO:
DA NARRATIVA AO ÁUDIO-VISUAL NA OBRA DE ARRIETE VILELA E
HENRIQUE OLIVEIRA

DELMIRO GOUVEIA -AL
2021

DENISE MATOS VIEIRA

FARPA, UM CONTO ALAGOANO:
DA NARRATIVA AO ÁUDIO-VISUAL NA OBRA DE ARRIETE VILELA E HENRIQUE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Ferreira da Silva

DELMIRO GOUVEIA -AL
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

V657f Vieira, Denise Matos

Farpa, um conto alagoano: da narrativa ao áudio-visual na obra de Arriete Vilela e Henrique Oliveira / Denise Matos Vieira. - 2022. 45 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Língua brasileira. 2. Literatura alagoana. 3. Farpa - Livro. 4. Personagem. 5. Audiovisual. 6. Vilela, Arriete, 1949-. I. Silva, Márcio Ferreira da. II. Título.

CDU: 82-34(813.5)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Denise Matos Vieira

FARPA, UM CONTO ALAGOANO: DA NARRATIVA AO ÁUDIO-VISUAL NA OBRA DE ARRIETE VILELA E HENRIQUE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito final para obtenção do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em 18/02/2021.



Prof. Dr. Marcio Ferreira da Silva – UFAL (ORIENTADOR)

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Fábica Pereira da Silva – UFAL (Avaliadora Interna)



Prof. Dr. Thiago Trindade Matias – UFAL (Avaliador Interno)

*Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a
imaginação.*
Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter concedido que eu tivesse determinação, saúde, persistência e sabedoria durante toda essa trajetória acadêmica, e principalmente, por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do desenvolvimento deste trabalho, que não foram poucos.

Aos meus pais, em especial, a minha mãe Maria Regina Matos por não deixar eu desistir do meu sonho e por sempre apoiar-me em todas as decisões, por suas orações e palavras de incentivo quando eu estava preste a desistir de tudo. A você pai, pelo apoio de sempre e por não medir esforços nos momentos que precisava ir a universidade e não conseguia o transporte e o senhor sempre ali deixando tudo de lado para levar-me até o meu destino. Gratidão a vocês por tudo.

As minhas irmãs amadas, Sandra Regina e Suzana Mércia, por todo apoio durante essa caminhada, onde não permitia que eu falasse a palavra *desistir* e sempre me ajudando financeiramente quando estava sem condições de manter-me na universidade e também o meu psicológico, pois não era fácil conciliar a rotina com filhos, trabalho e estudos.

Agradeço também as minhas colegas de curso Jailma Gonçalves e, em especial, a minha amiga Lucicleide Barros que foi primordial durante esse processo acadêmico. Também ao meu querido amigo Anilton, que sempre estava ao meu lado em todos os momentos da minha caminhada e que sempre me ajudou nos momentos que mais precisei e me desesperei, diminuindo a minha angústia. A todos os meus colegas de classe que contribuíram de forma direta e indireta para o meu crescimento.

A todos os meus professores, em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva pela confiança, orientação, incentivo para a realização desse trabalho. Enfim, meu muito obrigada!

Dedico essa conquista aos meus pais, Regina e Diomésio por sempre estarem comigo em todos os momentos. Também aos meus filhos Victor e Vinícius, por toda compreensão nos momentos que estive ausente. E ao meu esposo Mário da silva, pelas minhas alegrias e tristezas compartilhadas nessa trajetória.

LISTA DE IMAGENS

1. Imagem 1: Cartaz do curta Farpa.....	18
2. Imagem 2: Cena do curta-metragem	34
3. Imagem 3: Cena do curta-metragem	37

RESUMO

Um estudo dentro da ótica do curta-metragem **Farpa**, adaptação do livro de Arriete Vilela, do diretor Henrique Oliveira, reporta ao encontro de personagens sob a condição de violência e de abandono, como acontece com a personagem Maria Flor. Esta pesquisa tem como objetivo analisar aspectos da produção audiovisual ligado às personagens, ao enredo e à catarse, que o filme explora adensando a relação da personagem com o encontro entre os espaços rural e urbano. Justifica-se a pesquisa à necessidade de melhor compreender os contrastes sociais do livro, assim da adaptação do curta metragem, no sentido de propor uma discussão sobre o sofrimento da mulher enquanto ser vulnerável tanto no campo familiar quanto do abandono familiar. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfica, considerando contribuições de autores como Donadio (2015), Bassnett (2003), Martins (2006) e Carneiro (2013). Assim, a pesquisa propõe-se a dialogar com as formas estéticas do livro e o curta-metragem, colocando-se, também, como importante estratégia de abordagem de temas em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura. Áudio-visual. Personagem. Arriete Vilela.

ABSTRACT

A study from the perspective of the short film **Farpa**, an adaptation of the book by Arriete Vilela, by director Henrique Oliveira, reports the meeting of characters under the condition of violence and abandonment, as happens with the character Maria Flor. This research aims to analyze aspects of audiovisual production linked to the characters, the plot and the catharsis, which the film explores by densifying the character's relationship with the encounter between rural and urban spaces. The research is justified by the need to better understand the social contrasts of the book, as well as the adaptation of the short film, in the sense of proposing a discussion about the suffering of women while being vulnerable both in the family field and in family abandonment. A qualitative, bibliographic research was carried out, considering contributions from authors such as Donadio (2015), Bassnett (2003), Martins (2006) and Carneiro (2013). Thus, the research proposes to dialogue with the aesthetic forms of the book and the short film, also placing itself as an important strategy for approaching themes in the classroom.

Keywords: Literature. Audio-visual. Character. Arriete Vilela

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DA LITERATURA COMPARADA: TEXTO E VÍDEO	13
2.1 Traduzir e comparar: há diferença	13
2.2 Por dentro do curta-metragem	17
2.3 Do curta para o desenvolvimento literário	19
3 A LITERATURA E IMAGENS: AS PERSONAGENS EM AÇÃO	22
3.1 Imagem artística: Arriete Vilela	24
3.2 O mundo é movimento: Henrique Oliveira	27
4 FARPA: UM CONTO ALAGOANO	31
4.1 A personagem	31
4.2 O enredo	33
4.3 A catarse	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva fazer uma análise da linguagem cinematográfica no curta-metragem **Farpa**, de Henrique Oliveira, cujo tema da exclusão social e da figura feminina trazem como foco o abuso sexual e o abandono marcados por narrativas que dialogam entre o ético e o estético, que serão analisadas nesta pesquisa.

O curta-metragem acima citado faz uma adaptação de dois textos de Arriete Vilela. O primeiro é o conto **Farpa**, publicado em 1989, pela Sergasa, e mais tarde apareceu em **Contos reunidos** (2011); o segundo é **Maria Flor etc.** (2010).

No tocante a escritora Arriete Vilela e ao livro *Maria Flor etc.*, há um desenvolvimento de um trabalho interessante distribuído em doze narrativas, contado diante de um carisma próprio da autora alagoana, que de forma única referência a personagem Maria Flor. Na verdade, tanto o livro acima citado quanto o conto **Farpa** são prosas que narram um contraste social de abusos e desrespeito à figura feminina, mesmo que em complexo abandono com criança na barriga ou nos braços, as personagens sobre o confronto com um adverso e sem esperanças.

A mistura de compreensão textual para o curta-metragem **Farpa** perpassa o campo da tradução do texto para a imagem, pois a narrativa é mimetizada diante de uma constante busca por uma mãe que lhe foi tirada. Então, ela sofre e corre tentando incessantemente sobreviver no espaço solitário da cidade. Nesta perspectiva, podemos constituir questões que poderão nortear este estudo como: quais as relações sociais e literárias que poderão ser destacadas no curta-metragem **Farpa**, para discutirmos a construção da personagem diante da violência e do abandono?

Nossa justificativa se alia à necessidade de melhor compreender a transposição de imagens textual em imagens visuais, levando em conta os contrastes sociais representados no curta-metragem, analisando essa comparação a partir da categoria da crítica da literatura de base sociológica. Assim, assumimos também, a pesquisa sobre a personagem, a violência, e sobre o papel da mulher na sociedade enquanto vulnerável, tanto no campo familiar como por abandono familiar. Destacamos ainda, a importância da escrita de Arriete

Vilela para a literatura nacional e para a literatura alagoana, pois seu texto é vivo e deve ser estudado e trabalhado em sala de aula.

Nossa pesquisa é de cunho bibliográfica e qualitativa, relacionando o estudo da personagem no texto literário e a Literatura Comparada, com sustentação na crítica sociológica, cuja síntese de compreensão do estudo literário consiste na construção de uma análise literária, colaborando para discussões a respeito de métodos e resultados, a partir da representação da personagem no filme e no livro. Para isso, tomamos como base os seguintes teóricos Candido (2001); Nitrini (2015), Brait (1985), Lambert (2011).

O presente trabalho está organizado em cinco seções, conforme exposto abaixo:

Na primeira seção, discutimos a interpretação literária a partir da conceituação de literatura comparada, de tradução e literatura, levando em conta a forma do curta-metragem e os aspectos estéticos da construção da personagem. Inseridas nessa proposta, apresentamos na segunda seção, uma discussão sobre a imagem fílmica e o processo mimético para a construção da personagem, do espaço e da imagem mimetizada.

A terceira seção traz uma análise das categorias literárias no curta-metragem, monitorando as diversas formas de construção das cenas, observando também, os deslocamentos de cena e finalidade de confronto entre a felicidade aparente da personagem quando está com os pais e a violência em casa, a fuga, abandono, na cidade.

Na quarta seção, discorreremos sobre o conto Farpa. Inicialmente, apresentamos uma breve biografia da autora Arriete Vilela. Em seguida, abordamos sobre a personagem, o enredo e a cartase. Por fim, na quinta e última seção, apresentamos as nossas considerações finais.

Farpa é uma delicadeza poética e ao mesmo tempo de receio ao espectador. Arriete Vilela representa a personagem como um rio corrente que bate ferozmente sobre as pedras, a violência é, assim, inevitável e o diretor do curta-metragem, Henrique Oliveira, sabe também que é preciso descer a correnteza.

2 DA LITERATURA COMPARADA: TEXTO E VIDEO

A literatura comparada é um campo dos estudos literários. Para fazer um processo de comparação basta a existência de duas obras (NITRINI, 2015), mas para isso, é preciso entender o porquê desses estudos se tornarem importantes para a compreensão de seu próprio objeto: a literatura.

Historicamente, a literatura comparada “se confunde com as [origens] da própria literatura” (NITRINI, 2015). Podemos dizer que os gregos e romanos já faziam exercícios de comparação literária, embora estivessem bem distantes dos processos comparatistas dos dias atuais.

No século XIX, houve um aperfeiçoamento quando o termo saiu de sua dimensão empírica para se tornar uma disciplina acadêmica, como sustenta Nitrini (2015, p. 20),

Ao que tudo indica, *literatura comparada* derivou de um processo metodológico aplicável às ciências, no qual comparar ou contrastar servia como um meio para afirmar uma hipótese (*O grifo é da Autora*).

Essa ideia inicial de estudos literário estava claramente amparada ao pensamento dos ideais positivistas do século XIX, que julgavam o objeto de pesquisa uma espécie de sistema correlacionados em que a hipótese e os resultados deveriam ser tratados a partir da razão. A literatura não estava distante disso. Basta notarmos como foi o trato cientificista da escola literária realista e também da forma pela qual o meio, a raça e o momento foram especulados pelo Naturalismo tanto na Europa quanto no Brasil.

[...] o pensamento positivista se concretizou no Brasil, através do ‘pendor realista, avesso aos devaneios do Romantismo e fundada na pesquisa dos efeitos do meio e da hereditariedade sobre as pessoas’. Ela nos conta que a crítica literária adotou orientação de cunho científico, preferindo analisar a intervenção dos elementos sociais e psicológicos no processo de produção da obra artística (ZILBERMAN in: MOREIRA, 2003, p.117 *apud* SCHERER & ALMEIDA, 2017, p. 3).

Retomando a discussão sobre o caminho histórico da literatura comparada, podemos dizer a ideia de influenciar, no sentido de intercâmbio, a história cultural entre povos, nos dão um novo instrumento teórico para os estudos comparados, principalmente

na primeira metade do século XX, aprofundando-se nos anos 50.

A crise principal era o seguinte questionamento: a literatura comparada é uma disciplina ou um campo de estudo? Voltando ao pensamento de Nitrini (2015), podemos dizer que:

A literatura comparada tem seu objeto e métodos próprios. O objeto é essencialmente o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, em que medida umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo (NITRINI, 2015, p. 24).

É nos apropriando desse conceito, que buscamos analisar a construção da personagem no curta-metragem **Farpa**, de Henrique Oliveira. Nossa busca se dará nas linhas do filme em processo de comparação como o livro **Maria Flor e etc.** e o conto **Farpa**, de Arriete Vilela, buscando analisar as relações entre forma e conteúdo da obra literária.

2.1. Traduzir e comparar: há diferenças

O estudo em questão é uma forma de melhor compreender a necessidade da tradução e a comparação para os estudos literários. Cada novo dia surge uma nova tradução, de vídeo a textos. Os textos variam de pequenos artigos a livros, mesmos livros de produção científica ou literária necessitam de muita atenção e tempo com uma boa equipe para desenvolver o trabalho.

Diferente do que acontecia no passado, o trabalho da tradução literária vem crescendo e sendo bem reconhecida. Na atualidade, a procura vem aumentando e o campo tem se tornado vantajoso para o aprimoramento. Entretanto, vale destacar, que uma obra tem suas peculiaridades, logo, sempre necessita de muita dedicação e estudo para a sua finalização.

No âmbito da literatura comparada, o trabalho de reconstruir uma obra escrita para um vídeo, seja ele um curta, longa ou simplesmente um filme, tem que existir um elo de confiança e reprodução do material, não só comercial, mas que possa passar a mensagem que o autor do livro o colocou no papel. Assim, cada etapa deve ser planejada e repensada com a produção em questão.

O vídeo existe os seus efeitos e cores, no livro tem que existir a magia de conduzir o leitor ao mundo imaginário, ocasionando o conforto e inquietude em seus pensamentos, favorecendo a sua imaginação, seja em um conto ou em uma narrativa, mas que coloque o leitor dentro deste mundo imaginário.

Para a representação da realidade no vídeo, podemos dizer que o enredo se constrói de forma ampla, propondo ao espectador a construção da trama em níveis que o levam, via de regra, à catarse. Com isso, constituem novos caminhos diante de uma gravação, mas a essência literária continua gradativamente para o contexto literário.

O processo de traduzir de uma língua para outra não é algo simples, neste trabalho são atribuídos os tipos de cultura, momento em que foi escrito, realidades em que são passados e diversos outros pontos para que a obra literária possa chegar ao máximo de sua realidade para outra cultura. Dessa forma, o tradutor literário procura ao máximo contextualizar as realidades e variações linguísticas de outras nacionalidades para a realidade desejada. Cada ponto no desenvolvimento literário aflora um trabalho mais normativo para a reprodução em contrapartida trazer o leitor a conhecer a escrita de diversos autores com outros pontos de vista.

A compreensão ativa da tradução literária abre o espaço para o entendimento do processo cultural de outra nacionalidade. Os entraves sociais sempre estão contidos para diferenciar a escrita. A realidade cultural do autor deve ser bem trabalhada para que seu trabalho não seja mal interpretado diante do diferencial cultural.

Assim como a história da tradução, muitos autores buscaram definir o que é tradução, ou seja, em que, exatamente, se configura a atividade de traduzir, quais são as qualidades necessárias a um tradutor, assim como quais caminhos são percorridos por esse tradutor na busca da realização de uma boa tradução. Além do mais, há diversos apontamentos, por parte de diferentes autores, acerca das más traduções, como também os erros e perigos que devem ser evitados pelos tradutores para que não elaborem uma tradução considerada de baixa qualidade (DONADIO, 2015).

A prática tradutória, durante muito tempo, foi vista como uma atividade inferior da linguagem, uma tarefa secundária, marginal, de menor valor, “um processo mais mecânico

do que criativo” (BASSNETT, 2003, p. 21). Contudo, as traduções estão presentes no mundo e, de várias formas, fazem parte da história da humanidade, promovendo entre as pessoas, a comunicação, a interação, a troca de conhecimento e a difusão cultural, dentre tantos benefícios.

Ao tratar de questões da tradução sobre a revalorização do leitor, Bassnett (2003, p. 134) nos faz observar que para Octavio Paz (2006, p. 249) todos os textos são traduções de traduções e, acrescenta que, “não é possível traçar a linha que separa o leitor do tradutor”. A autora afirma que a liberdade do leitor-tradutor deve ser tratada com responsabilidade e, nesse sentido, a leitura deve levar em conta a constituição global da obra e a sua relação com o tempo e o lugar em que foi produzida.

A qualidade do produto final deve obedecer a realidade do autor da obra literária. Os conectivos e sua essência devem ser mantida. Cada processo de tradução deve haver o foco no desenvolvimento do autor, mantendo o enredo da obra literária, facilitando assim, a sua fluidez diante de uma nova cultura que vai ser introduzida.

Nos últimos trintas anos [...] os Estudos da Tradução conseguiram firmar-se como uma nova e importante área de conhecimento, capaz de desenvolver suas próprias teorias, metodologias e instrumentos de pesquisa. Nesse período, a atividade tradutória também registrou uma grande expansão [...] Diante desse cenário, [...] a formação acadêmica do tradutor está sendo cada vez mais valorizada [...] Esse fato, por sua vez, vem provocando a necessidade de se pensar o ensino de tradução e a formação de professores especializados, preferencialmente com um perfil híbrido, que conjugue formação pedagógica e experiência tradutória. [...] o principal objetivo de um curso de formação de tradutores, não importa o nível, sempre foi levar o aprendiz a adquirir competência tradutória e a integrar-se com sucesso à comunidade de profissionais da área [...] (MARTINS, 2006, p. 26-27).

A valorização da obra é um grande requisito para o desenvolvimento e enriquecimento cultural, os pontos escritos pelo autor devem ser deixados claros, com esse sentido favorece a compreensão do leitor.

Ainda no que concerne à prática tradutória, Bassnett (2003, p. 29) explica que “a necessidade do estudo sistemático da tradução surge diretamente dos problemas encontrados concretamente durante o processo de tradução”. O complexo de desenvolver

uma tradução esta referente a questão dos costumes, crenças e credos, que geralmente confronta com muitos conectivos diferenciado para outro estudo, com isso a aproximação é sempre difícil.

Nesse sentido, Bassnett (2003) propõe a divisão do campo dos Estudos de Tradução, que é difícil, mas com devido cuidado e atenção facilitará a compreensão e entendimento. As áreas gerais de atuação ou categorias, podem sobrepor umas às outras, deixando sempre mais complexo, contudo deve haver o cuidado em separar cada item.

A explicação deve ser orientada para o produto que vai ser transformado, quando o enfoque é o estudo dos aspectos funcionais do texto de chegada e as outras duas são orientadas para o processo, quando o enfoque incide na análise do que acontece durante o processo tradutório.

Cada passo é importante para a organização do material, frente ao aprendizado que sempre vai sendo evoluído. Cabe ao profissional em literatura descodificar e amarrar o texto seguindo a sua ordem cronológica, para que o leitor possa degustar pausadamente de toda a leitura que lhe foi ofertada.

2.2. Por dentro do curta-metragem

Compreender o mundo cinematográfico, requer compreender um mundo mágico, abrindo um olhar mais crítico diante de muitas construções cinematográficas dentro dos curtas. São muito bem trabalhados os documentários e recortes de livros para facilmente dar um melhor encanto lúdico ou mais emocionante com suas trilhas sonoras.

Curta-metragem, ou simplesmente curta, é a definição que se dá a um filme de pequena duração. Bechara (2011, p. 387) define curta-metragem como “filme de duração máxima de trinta minutos, rodado para fins artísticos, educativos ou comerciais”.

Um curta-metragem é um filme compacto, que expõe a realidade em que foi planejado, dentro deste sentido, o enredo é mantido para garantir o sucesso da obra com o curta-metragem. O processo age diante do que o diretor-roteirista determina, abrindo o

espaço para a crítica, em muitas situações o diretor-roteirista, modifica a obra para dar mais ênfase na telona.

O filme **Farpa** é de pequena duração, com 25 min., e procura deixar o espectador de frente à realidade de sofrimento, de abandono, de abuso, de alguém que carece de amor, de acolhimento, como acontece com a personagem Flor, que em meio ao processo da vida, adentra uma sociedade corrompida, mesmo com a carência, a procura por um afeto maternal, fica claro em seu enredo. Isso pode ser visto na representação do cartaz do filme, como podemos ver abaixo:

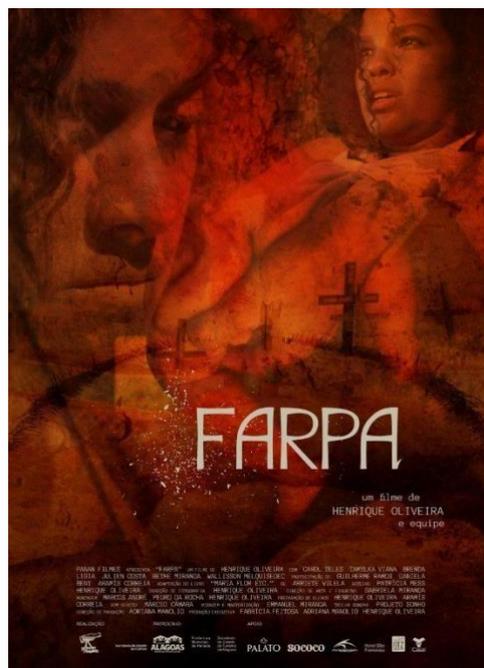


Imagem 1: Cartaz do curta Farpa.

Farpa é um soco no estômago do espectador. A trama se passa na zona rural, provavelmente o Sertão nordestino, mas isso não é evidenciado no filme. O pai tem carinho por Flor, mas esses carinhos ultrapassam a relação pai e filha, tomando ares de homem e mulher.

O trabalho de converter uma produção escrita em vídeo vai além do que está escrito, adentra em realidades em que o diretor propõe para que os corpos de cineastas possam interpretar. Em algumas situações, os curtas reproduzirão tudo que impõe o roteiro e necessariamente em diálogo com a obra em comparação; em outras, o diretor escolhe os

caminhos das cenas, mas no caso de Farpa, ao que parece ele seguir a trilha das obras de Arriete Vilela.

O despertar na construção de um curta-metragem é o foco em expor os pontos fundamentais para em pouco tempo informar o que realmente é pertinente e realmente pode ser trabalhado naquele momento. O trabalho é contínuo, contudo, aquele curta será memorizado para sempre. Cada passo e quando gravado será eternizado para as demais gerações.

O planejamento, a estrutura, a roupagem para o processo cinematográfico são pontos fundamentais para um curta com foco nas informações, favorecendo o crescimento e entretenimento de sua clientela pré-selecionada. Cada tipo de curta metragem ou filme, tem seu direcionamento para qual público alcançar. Tudo dentro de um planejamento prévio para ser colocado em prática.

A literatura, seja brasileira ou não, está quase abrilhantando sempre as telonas, seja em curta ou longa-metragem. Sempre que uma obra tem significado autêntico, torna-se roteiro de cinema, garantindo um olhar diferenciado para a sua tradução na “telona”, com isso o seu alcance torna-se gigantesco não só em sua nacionalidade como para o mundo.

A literatura está presente nestes trabalhos há muito tempo, sempre relacionando os fatores primordiais para a construção do saber. A construção do saber é algo contínuo que merece sempre o devido cuidado, com atenção em seus trabalhos, favorecendo, dessa forma, a construção gradativa do saber.

2.3 Do curta para o desenvolvimento literário

Planejar é antes de tudo determinar metas. No cinema, o roteiro é o resultado do planejamento, pois diante de um trabalho cinematográfico a procura por determinar as metas de cenário, set de filmagem, ensaio, gravação, requerem um interessante ato de escrever de reescrever o andamento do projeto, esperando aquilo que o público deverá alcançar. Assim, a escrita de Arriete Vilela é linguagem em diálogo com o novo texto

cinematográfico que acabará de nascer. Ressaltando que a arte sempre estará entrelaçada em conjunto com a literatura e a parte cinematográfica, desmistificando que a literatura é voltada somente para a área de textos.

Nessa perspectiva, Bosi (1996, p. 13) relata que A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se *transforma* a matéria oferecida pela natureza e a cultura. Desse modo, os artistas vão moldando o seu fazer, de acordo com as obras que estão a ser transformadas e posteriormente apresentadas, dessa forma há um ligamento com o mundo imaginário e consigo mesmo. O artista de um determinado ciclo é persuadido no seu estilo de abarcar pela etapa cultural em que está inserido, em razão disso a arte é fundamental para a cultura da humanidade.

Para Bosi (1996), A arte é uma produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo o ato da potência, o cosmos do caos. A técnica é indispensável ao artista, mas este deve ter uma força criativa. Logo, é inevitável a relação entre a espontaneidade, a produção e o movimento que é prescindível a significação artística. A maneira própria de um literato é a finalidade de uma produção em capacidade artística, no qual diz respeito a época daquele momento em que o cerca.

Nessa mesma reflexão, Bosi (1996) enaltece a arte e a estética, pois diz que ela é uma combinação fundamental entre imagens e representações.

Em outras palavras: o jogo estético resolveria a contradição à primeira vista insolúvel, entre a liberdade de formar (a arte é uma *livre* combinatória de imagens e representações) e a sua necessidade imanente: o juízo estético, que regula por dentro o fazer artístico, visa à harmonia das formas sensíveis. Caberia à faculdade do *gosto* perceber quando a síntese foi alcançada, isto é, quando o artista produziu uma bela representação da existência, ou quando malogrou no seu intento. (BOSI, 1996, p.15).

Em síntese, afirmamos que a Arte é significativa tanto para o estudo estético e literário, quanto para a arte cinematográfica. Visto que esses elementos são essenciais para a produção em desenvolvimento. No entanto, a Arte está atrelada a construção do belo, das formas, da imaginação, das técnicas da época e da construção do conhecimento. A técnica é essencial ao artista, porém o mesmo deve ir além de sua criatividade. A maneira peculiar de cada artista é a execução de diversas habilidades em torno do período que ali forma a

sua essência.

Tendo em vista essas contestações, Bosi, (1996) afirma que:

O que se pode perguntar é se esse corpo-a-corpo do artista com os materiais que lhe dá o mundo_o seu mundo_se desenvolve em um espaço e em um tempo próprio, ponto zero da História, refratário às pessoas da cultura, imune das interpretações que os demais homens fazem sobre o universo e sobre se mesmos; fora, numa palavra do processo social. (BOSI, 1996, p. 42).

Nessa perspectiva, a Arte e os seus objetos vão dando formas para que o artista em seu tempo e espaço vá moldando a criação de um novo estilo. Para a composição desse tipo devem-se apresentar aspectos relevantes que possam proferir a Arte e agregar de certa forma o objeto da obra.

3. A LITERATURA E IMAGEM: AS PERSONAGENS EM AÇÃO

O escritor literário tem em si um verdadeiro dom, pois quando desenvolve as suas escritas proporciona um espelho para a sociedade em que vive, colocando no papel aquilo que está sendo o natural para muitos de forma rica de detalhes, para que possa registrar e que a geração atual e futura possa refletir sobre seus feitos.

A literatura está intimamente relacionada às práticas sociais, pois existe um vínculo entre ambas, em virtude de a sociedade impor condições e determinar comportamentos. Em outras palavras, há uma conexão entre a obra e o ambiente em que se passou o referido enredo, podendo a mesma ser considerada como um espelho de determinada cultura. Não obstante, não se deve atribuir valor ou significado a uma obra apenas analisando os aspectos que ela exprimiu da realidade, nem desassociada desses fatores, visto que ela não é um fator independente (CARNEIRO, 2013).

O trabalho de um produtor cinematográfico é comprimir as informações contidas em uma obra, seja ela literária ou não, para a telona. O curta-metragem de Farpa entra em acordo com Arriete Vilela com relação ao documentário ser um registro, dando foco em alguns pontos mais chamativos, objetivando, assim, para a realidade de diversos contextos sociais e de exploração da figura feminina.

A literatura de Arriete é convidada a ser adaptada a pontos mais aguçados para chamar a atenção dos telespectadores, dentro de uma visão mais forte do cinema brasileiro. O choque de realidade é uma forma de favorecer e chamar os telespectadores a reflexão ao pensamento crítico que a literatura pode favorecer.

O trabalho artístico em **Farpa** expõe um terreno muito frágil da sociedade brasileira que em muitas comunidades são atribuídos a exploração sexual, assim como o próprio abuso de familiares de meninas em idade vulnerável, com isso são momentos ímpares que facilmente é interpretado por todos.

O curta tem na literatura de Arriete a essência que foi escrito, mas de forma mais intensa em seus detalhes cinematográfico. De forma mais viva, porém não dramática como em sua escrita, são realidades opostas, mas que definem o propósito da informação.

Todo trabalho literário, que procura relacionar a vivência de um povo, discorre a sua cultura para que com isso possa detalhar com maior ênfase a realidade do povo ou comunidade em que está se trabalhando. O livro **Maria Flor etc.** narra de forma clara os entraves sociais e cada passo que o menos favorecido passa para sobreviver e conseguir adentrar em um novo dia.

No caso de Farpa, trata-se de vários personagens. Suas histórias são contadas a partir de um recorte individual e subjetivo feito por quem dirige. Os doze pontos narrados por Vilela são constituídos de forma viva para não só o povo nordestino, mas para todos que tem o senso crítico com compreender as dificuldades sociais e problemas que muitos vulneráveis adentra em meio de suas famílias desconstituídas

Há mais a se explorar principalmente na maneira apresentada por Vilela uma história ou pessoa real, dando mais foque no trabalho dos pontos críticos. Não é possível contar toda uma vida em um curta metragem, ou mesmo se tratasse de um formato de produção mais extensa.

A família é um ponto forte quando se fala em segurança do incapaz, ou deveria ser, com isso pode ser vivenciado, tanto na literatura de Vilela como no curta de Farpa a dura realidade das meninas que deverão seguir e suas vidas com sequelas profundas.

O que pode ser percebido diante da escrita de Vilela é uma construção de várias famílias para dar suporte para aquelas que ficaram sem seu lar. Constituindo construções de identidade para uma nova roupagem, para o aprendizado da vida. Vilela é clara em sua literatura, contextualiza com o momento em que segue a vida, mesmo diante de tantos obstáculos obscuros, o seguir a vida dar uma nova realidade para o descompasso da inutilidade do momento.

3.1. Imagem artística: Arriete Vilela

Arriete Vilela¹ é uma escritora que se apropria da linguagem artística a partir da memória da infância, dos conflitos sociais e da violência gerada pelo abandono, como podemos perceber no conto e no filme **Farpa**. A imagem artística arrieteana assume uma proporção de peripécia, reconhecimento e catarse, como se apresenta, por exemplo, na tragédia grega. Assim, podemos dizer que essa tensão forma a imagem como reprodução de conflitos, seja contida na mente, seja ela contida no papel. O fato interessante é que a imagem artística é mais formosa nos detalhes, tendo riqueza ou não, com isso o leitor ou telespectador se prenderá e facilitará a sua compreensão sobre os seus verdadeiros caminhos diante do estudo em questão.

O assunto de uma obra literária repousa sobre as condições sociais, porém ela não deve ser vista apenas como registradora de fatos da sociedade, deve-se perceber que existe uma dinâmica entre ambas. Para que com isso exista a consistência mais que palpável, algo em que quem está lendo possa adentrar neste mundo e sentir aquilo em que o escritor registrou.

A sociedade coexiste em forma de relacionamentos, que vai além dos fatores familiares, mas em pontos que podem apropriar realidades e projeções de realidade que podem crescer o ponto de vista em que é apresentado seja em uma comunidade, vila ou em uma metrópole, mas que possa coexistir com os seus. “A produção literária é um fenômeno social, [...]” (OLIVEIRA, 1948 *apud* VELLOSO, 1988, p. 240).

As vezes o escritor procura expressar algo que está no seu interior, configurando-se em coisas que estão lhe absorvendo ou lhe extravasando, mas que necessita ser passado para o papel para que os leitores possam usufruir destes pensamentos. No entanto, a literatura não faz um registro fiel de uma realidade, a qual é apresentada muitas vezes de uma determinada maneira que a sociedade recusa a perceber como sendo algo real (VELLOSO, 1988).

Nestas escritas podem acontecer de ser algo que já está contido na sociedade, só uma forma de expressar o que já está posto, contudo, são os detalhes que fazem a diferença para quem está lendo, alimentando a sua imaginação, assim como os seus fatores críticos.

¹ Apresentaremos a escritora deodorense mais detalhadamente na secção 4, adiante.

Desse modo, pode-se dizer que a arte é uma dialética entre o interior e o exterior, como esclarece Samuel (1985, p. 14):

A arte não só reproduz a realidade, mas dá forma a um tipo de realidade. E a literatura não substitui a sociologia e a política como maneiras de explicar a sociedade. A arte não obedece ao princípio da imitação da realidade estabelecida, mas ao princípio da negação desta realidade, que não é meramente negação, mas transposição da realidade (a preservação que transpõe a imanência) [...].

A compreensão dos fatos escritos em uma narrativa submete o leitor a sua análise, mesmo que de forma superficial, mas fará, com isso a escrita em seu momento de conexão com o leitor o provocará para a realidade que está detalhada pelo autor, fundamentando os seus ideais, não desenvolvendo uma nova realidade, mas aflorando a realidade atual, no contexto do agora.

Em muitos trabalhos de curta metragem a figura literária é adaptada diante das necessidades em que o produtor vê a necessidade, entretanto, em alguns trabalhos, tais situações distorcem a realidade literária. Em muitas situações são tecidos comentários sobre a diferença da obra escrita do curta metragem. A realidade cinematográfica reflete um outro viés chamativo para prender o telespectador. O livro literário por outro lado, traz consigo a riqueza de detalhes e informações que não estão contidas no curta.

Pode-se verificar que há um imenso diálogo entre as artes visuais e a literatura, a partir da comunicação que eles proporcionam entre leitor e espectador. Esse diálogo comunga da necessidade de observar e escrever sobre a obra artística. É importante que os professores de Artes se conscientizem, não somente da visualidade como observação, como também da escrita como forma de descrição e reflexão, e que essa visão ampla integra elementos gráficos nos textos poéticos e aplicar a escrita como elemento gráfico ou conceitual (FERNANDES, 2017).

O processo de interação dentro da realidade da imagem e a própria literatura abrem o diálogo para a necessidade da interação seja em situação de sala ou do próprio contexto social, facilitando assim, a realidade versus o processo de comunicação ativa com telespectador. São momentos de conversação para o contexto mais próximo para o

entendimento.

A imagem é mais do que simplesmente uma releitura que os olhos conseguem vê, nela está contida diversos fragmentos que refletem a identidade seja ela cultural ou não, possibilitando uma contextualidade com a informação para o processo social e realidade da exposição.

Hoje vivemos na civilização da imagem, é a era da visualidade cultural visual, onde pode ser visto imagens por toda parte. As imagens contêm mensagens que podem influenciar mais do que textos. Influenciam-nos em nosso modo de vestir, de pensar, em nossa sociedade, o que é belo em nossas vidas, o que devemos consumir (MATILDE, 2010).

A projeção da sociedade, assim como a projeção em que desenvolvimentos diante da uma leitura projeta uma singularidade que aguça o pensamento sobre aquilo que está escrito. Cada passagem pode provocar no leitor uma imagem diferente do que está contido na escrita, fazendo uma provocação do que é real ou imaginário, caminhos que devem ser melhor referenciados no meio literário.

Neste sentido, abrirá o fator social para a cultura visual mais aguçada para a literatura, que influencia dentro do processo midiático para dentro do processo de comunicação e revisão de conceitos para a contextualização da informação no meio social.

A cultura visual é um campo de estudo emergente e transdisciplinar que se fundamenta no princípio de que as práticas do ver são construídas social e culturalmente. Considerando o alargamento, a vitalidade e a pregnância dessas práticas, a cultura visual discute impactos e implicações das experiências de ver e ser visto na contemporaneidade. A educação da cultura visual cruza abordagens da arte e das ciências sociais visando um olhar crítico e investigativo em relação às imagens e aos modos de ver, valorizando a imaginação, o prazer e a crítica como constituintes das práticas de produção e interpretação de visualidades. Ao compreender arte e imagem como cultura, a cultura visual explora usos e possibilidades educativas e pedagógicas de um amplo espectro de visualidades que inclui imagens de arte-ficção, publicidade, entretenimento e informação (TOURINHO, 2014, s/p.).

A produção de imagem procura revelar os mecanismos que estão ocultos do processo de socialização da imagem artística, tornando de forma mais clara e no contexto

de aproximar as realidades. A sociedade da realidade capitalista trabalha a imagem artística para a venda de muitos produtos, na realidade cinematográfica a imagem representa o desfecho de muitos processos midiáticos diante do artista para com o vilão.

Para as narrativas, Arriete Vilela em sua obra aqui em estudo, foca na imagem da mulher como sendo alvo de violência, abuso, seja ele sexual ou não, assim como o abandono de incapaz, dentro de uma ótica única que retrata os brasis em que vivemos.

Os traços dos sertões norte brasileiro, apresentando características midiáticas de exclusão, fome e mau tratos, onde o povo sempre está na linha da pobreza. O livro de Arriete traz estas rugosidades de um intervalo de tempo e com uma variedade de eventualidades que vivencia algumas famílias.

Segundo Matilde (2010), as imagens estão muito presentes em nosso dia-a-dia e são poderosas formas de comunicação e informação. Decifrá-las, interpretá-las ou lê-las são necessidades fundamentais para qualquer tipo de atividade contemporânea. O ensino da arte no processo pedagógico amplia o mundo expressivo, cognitivo e perceptivo do aluno e as leituras de imagem nesse processo ampliam a habilidade de ver, julgar e interpretar uma imagem dentro de seu contexto histórico, social, político e cultural.

A imagem é uma projeção do consciente, que com ela se une as próprias projeções do ser humano, podendo desenvolver conexões mais além do que está escrito, ou simplesmente do que os olhos veem, mas traz consigo, informações que serão absorvidas e colocadas em prática, cada uma dentro de sua realidade e de sua forma de desenvolver a imagem.

A imagem artística tem esse contato imediato para o despertar, para o aproximamento, confirmando as realidades sociais em meio as leituras sociais em contraste com meio literário, favorecendo, dessa forma, a melhoria de suas condicionantes para o cotidiano seja no contexto da informação ou de interatividade. Assim, as imagens artísticas desenvolvem esse elo de comunicação para com o público em foco.

3.2 O mundo em movimento: Henrique Oliveira

Henrique Oliveira é um diretor que atua no ramo de áudio-visual há mais de duas décadas. Atua como professor na Escola Criativa do Sesc/AL com cursos na área de ficções, vídeoclipes, documentários e telefilmes. Os curtas **Ontem à noite** e **Farpa** – este objeto de nossa pesquisa é uma adaptação do conto **Farpa e Maria Flor etc.**, de Arriete Vilela – conferiu participação em mais de 20 mostas nacionais e internacionais. Em entrevista à escritora Arriete Vilela (2017), o diretor diz que **Farpa**:

foi meu filme-escola e o *Ontem à noite* foi meu filme-amadurecimento. Cheguei a essa constatação pois no *Farpa* aprendi os riscos que se tem de arriscar sem limites, foi nele que senti na prática o quanto custa levar uma ideia até as últimas consequências, aprendi também o quanto dói ser criticado, principalmente quando se acredita piamente que se está fazendo o certo.

Podemos dizer que esse “arriscar sem limites” pode ser traduzido como se jogar no mundo. O mundo está sempre se moldando para que com isso possa ser melhor compreendido o ser social dentro da ótica literária e, no nosso caso, a relação da obra com a prática educativa. Cabe ao profissional da educação escolher suas ferramentas pedagógicas para desenvolver esse aprendizado de forma mais condizente com a realidade social onde estão inseridos. Desse modo, cada passo pedagógico procurará envolver com a realidade do processo de fortalecimento do conhecimento com o propósito de incluir diante da realidade do conhecimento.

O processo pedagógico diante da literatura procura constantemente reformular metodologias que possam melhor incluir o conhecimento crítico no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, tendo que ser administrada para que possa realmente se desenvolver em completa ação para o crescimento intelectual, assim como também para o meio social.

Para Aquino (2000, p. 119),

Por incrível que possa parecer a primeira vista, grande parte de nossos contratemos profissionais pode ser enfrentada com algumas ideias simples mas eficazes, mesmo porque muitos dos dissabores que o cotidiano nos reserva parecem ter anuência, quando não nossa co-autoria. Portanto rever posicionamentos endurecidos, como um sinal dos acontecimentos em sala de aula.

O conhecimento deve ser ativo, proporcionando momentos ímpares para a inclusão para que todos possam adquirir e melhor desenvolver dentro da sua realidade social. Cada novo dia abre a esperança para promover o seu senso crítico e crescer na sua prática cotidiana.

O rompimento de obstáculos do processo literário proporciona a aprendizagem, tem suas complexidades para o atingimento dos objetivos. Diante de muito esforço e dedicação acontecerá a aprendizagem, que deve sempre despertar o olhar inovador do que realmente está sendo trabalhado e para que realmente surja novos olhares dentro da realidade em questão.

A continuidade da realidade de um mundo em movimento é algo que deve ser vivenciado para que todos possam realmente ser trabalhados dentro da manutenção de uma linguagem ativa para o seu crescimento. Cada momento é único e deve ser contextualizado para dentro de uma sala de aula, assim, a educação passa a ser um processo social de melhorias para o desenvolvimento da vida.

O que pode ser deparado no cotidiano atual é um processo ativo do conhecimento crítico contínuo sempre em movimento. Para que isso ocorra, cabe aos profissionais formular uma linguagem mais ativa para o crescimento do modo de pensar e vivenciar no mundo em movimento.

A qualificação dos mecanismos literários e também da linguagem filme para esse mercado de crescimento estão em constante movimento, abre um novo começo dentro do olhar do escritor que procura descrever as realidades sociais e culturais, dando assim, as oportunidades para acompanhar o novo em constante movimento.

O movimento em que o mundo está sendo atrelado para a construção de uma sociedade mais aberta para o conhecimento, leva o profissional de educação em contato com áudio visual e ele é uma ferramenta promotora de desenvolvimento do pensamento crítico do aluno. Com isso, a diversidade literária e fílmica está sendo trabalhada para o reconhecimento de suas diferenças.

A ideia de movimento possibilita melhorias para a compreensão social, visto que o conhecimento é uma constante, criando sempre artifícios para que todos possam ter as mesmas possibilidades, cabendo assim a procura constante pelo conhecimento. Cada

situação deve ser melhor trabalhada para que exista flexibilidade no meio literário em meio a realidade da formulação do conhecimento, para que com isso, novos olhares surjam de forma natural em meio a realidade social.

Para uma concepção construtivista de andamento para uma aprendizagem dentro da relação do movimento o preparo diante da relação de conhecimento literário. Se o aluno constrói suas relações críticas diante dos mecanismos literários que proporcionaram as condições favoráveis para que os esquemas do conhecimento atinjam os objetivos pretendidos.

A procura por conhecimento é sempre algo natural do ser humano, contudo, cada ser tem seus ideais e fundamentos para o seu crescimento. A construção é algo relativo diante da necessidade de cada um, projetando dentro de sua própria ótica. Nesta construção, caberá contribuir ou não para os seus próprios planejamentos.

De acordo com Salvador (1994), numa perspectiva construtivista, a finalidade última da intervenção pedagógica diante do contexto literário é contribuir para que desenvolva a capacidade de realizar aprendizagens significativas por si mesmo numa ampla gama de situações e circunstâncias, que o aluno aprenda a aprender. Assim, é de fundamental importância o ajuste entre o apoio pedagógico do professor enquanto mediador, que deve responder às necessidades e características dos alunos, e o processo de construção do conhecimento pelo aluno, enquanto protagonista de seu processo de aprendizagem.

As aberturas das codificações sempre serão aceitas mediante a necessidades de cada um, com ajuda de um profissional, trará melhor abertura para o conhecimento. O conhecimento científico é algo constante, com isso diante da perspectiva literária existe a necessidade de profissionais na área para um estudo mais contundente com a abertura de conhecimentos.

Diante do contexto de desafios, o movimento do saber sempre impulsiona os que tiram de quase nada formas criativas, inovadoras, estimulantes, que mobilizam a curiosidade do leitor, o que as faz a cada dia retomar à leitura por literatura com os olhos, cheias de perguntas, cheias de descobertas, ansiando por compartilhar com o seu meio social os seus novos saberes e novos desejos de saber sempre mais.

4. FARPA: UM CONTO ALAGOANO

A cidade em que Arriete Vilela nasceu foi Marechal Deodoro, território que foi intitulado a primeira capital de Alagoas em 16 de setembro de 1817. O município foi criado em 09 de novembro de 1939, com a denominação de Marechal Deodoro, em homenagem ao Marechal Deodoro da Fonseca, alagoano que foi o primeiro presidente da república do Brasil.

Arriete nasceu em 10 de março de 1949, mas passou pouco tempo na cidade de Marechal Deodoro, com 9 teve que se deslocar para Maceió, na capital passou a estudar no Colégio de São José, em idade adulta graduou-se em Letras, na Universidade Federal de Alagoas, mas não parou de estudar adentrando no Mestrado em Literatura na Universidade Federal da Paraíba. Assim ela se aproxima-se da literatura com mais afinco.

Ler a obra Maria Flor etc. é procurar vivenciar um conto com várias vertentes que está contida na sociedade atual, procurando justificar o mal que está enraizado em muitos, com os caminhos da humilhação e maus tratos por muitas mulheres e crianças, visto que o descaso faz parte da sociedade em que vivemos.

Falar do Farpa sem tecer uns bons comentários sobre Arriete Vilela, não tem como, visto que é uma autora ativa, que está sempre na ativa, desenvolvendo pesquisa e desenvolvendo palestras para fortalecer os seus estudos assim como suas próprias obras. O Farpa traz consigo narrações únicas que demonstram de forma cotidiana situações em que muitas mulheres estão passando.

4.1 A personagem

Compreender a infância é algo que vai além do que os próprios olhos conseguem visualizar. Vivenciar algo gostoso para aqueles que tiveram uma família com um lar aconchegante, ter momentos para brincar, se relacionar, firmar aquela amizade que ficará marcada para o resto da vida.

A infância é para ser uma base para o desenvolvimento da criança. Parte que servirá de base para a sua adolescência a maior idade, processo que necessita de compreensão e cuidados familiares para uma boa formação da índole, com estudos para o seu desenvolvimento crítico. Cada realidade dentro da constituição do ser humano deve ser positivo para que o ser não possa ser conduzido a caminhos errados perante a sociedade.

Algo que todos deveriam passar, dentro de uma realidade que o ser humano tem em comum com seus semelhantes, época com sua própria roupagem, dentro de uma característica única que está embutida em cada família, independente de classe ou formação social, mas que vem sendo aflorada em cada etapa de sua vida.

Enquanto Rui Barbosa considerava o jardim-de-infância como a primeira etapa do ensino primário e apresentou, em 1882, um projeto de reforma da instrução no país, distinguindo salas de asilo, escolas infantis e jardins-de-infância, observava-se, outrossim, o fortalecimento de um movimento de proteção à infância, que partia de uma visão preconceituosa sobre a pobreza, defendendo um atendimento caracterizado como dádiva aos menos favorecidos (OLIVEIRA, 2005, p. 93).

A negligência a uma criança adentra na parte criminal, contudo, em muitas cidades de interior, isso é deixado de lado. O pequeno (a) é quem paga o preço pelo descaso, com isso aflora os descompassos sociais, muito bem detalhado por Arriete em seu personagem em **Maria Flor etc.**

A prática de agravantes contra a criança é algo que sempre está contido na história. No conto, Maria Flor vem detalhando de forma única, mesmo sabendo que existe e que são feitas muitas atrocidades contra as crianças, Arriete tem uma singularidade em descrever os fatos, deixando a sua obra mais intrigante.

O conto vem expondo que Maria Flor queria ter uma mãe, queria está com a figura feminina que lhe norteasse para um caminho correto, não deixasse em meio aos entraves da vida, que tivesse a oportunidade de ter uma família, em meio a tanto sofrimento que supera, mas necessita de seu elo como mulher. Percebemos nesta ficção, semelhanças a tantas outras realidades do cotidiano brasileiro.

Neste objetivo em ter uma mãe, é que ela se depara com as crueldades da vida, complicações e muitos desafetos, vida amarga, mas que tem na superação um caminho que

muito não se vê, percebido em muitas das necessidades do crescimento. Nesta compreensão pode ser entendida como algo que é fazer o elo de mulher-mãe, como no acolhimento a criança órfã. Realidade para uma superação de seus próprios medos.

Esse acolhimento supri o seu objetivo, resgatando assim dentro de uma positividade o que ela desejava, mas suprimindo de forma sucinta a realidade para uma criança abandonada. Arriete neste momento convida o leitor dentro de seu conto a refletir a dura realidade de uma menina que passa a ser mãe. Sem base, simplesmente aprendeu com a vida dura que o tempo a proporcionou.

4.2 O enredo

O enredo é mais que um ponto na forma de prender a atenção do leitor, proporcionando um confrontamento de pensamentos e colocar o leitor dentro do olhar do escritor, facilitando a compreensão crítica do leitor, neste sentido crítico proporciona uma interatividade recíproca, provocando a alimentação da imaginação.

A imaginação é um caminho a ser seguido por quem se debruça em uma boa leitura, abrindo os pensamentos, se deixando levar pelo próprio pensamento aguçado. Neste sentido, o conto de Arriete Vilela procura aguçar o pensamento crítico provocativo e discursivo para a figura feminina, que é protagonizada em todos os textos com situações peculiares.

Desenvolver um trabalho crítico que possa realmente proporcionar interatividade com responsabilidade com uma linguagem que possa facilitar a compreensão e entendimento dos pontos favoráveis ao processo de relação e socialização com os mecanismos da língua falada e escrita.

O aprendizado formal dentro de uma realidade literária proporciona uma formação crítica diante dos processos de formação. Como afirma Pignatari (1977, p 15):

Quando você fala uma palavra, você está combinando, ultrarrápida e automaticamente, sons extraídos dos paradigmas — e formando sintagmas. É por isso que esse eixo sintagmático também é chamado de

combinatório ou de combinação, enquanto o outro, paradigma, é chamado eixo de seleção. Sintagma = reunião. Paradigma = modelo. Exemplos não-verbais tornam mais claro esse trambique paradigma/sintagma.

A escrita sempre envolve emoção e o despertar de conectivos do meio social para o novo. A construção de conexão do escritor com o leitor é um elo para prender a atenção e gosto pela leitura. O desenvolvimento do pensamento crítico vivencia a palavra, dando assim, exemplos e caminhos para formulação de um enredo. Cada escrita quando elaborada, vivencia a cultura, ideologia e a própria essência humana.

A escrita de um conto literário é o favorecimento para o crescimento de uma sociedade mais capacitada em descrever os fatos sociais. Fatos estes que estão entrelaçados com o cotidiano. A escrita descreve de forma ativa para a formulação de novos olhares e interpretação dos fatos, procurando uma nova roupagem para o que está sempre em forma negativa.

Segundo Oliveira (2002), a escrita é uma capacidade indispensável para a adaptação e integração do sujeito ao meio social, sendo uma forma de comunicação e expressão entre as pessoas. A linguagem escrita tem papel decisivo na compreensão do mundo e na transmissão de valores pessoais, sociais e culturais.

Dentro do contexto de um conto, o escritor propõe uma realidade de seus pensamentos, que coloca o leitor a uma compreensão que ele projetou no papel, provocando novos olhares do que realmente está escrito, com isso, o pensamento passa a ser moldado na cabeça do leitor, projetando a realidade escrita em seu novo olhar e cenário.

Despertar a compreensão do sentido emocional das pessoas em uma escrita é conduzir estes para um pensamento próprio diante do que foi compreendido. Cada escrita possui seus códigos que conduzirá o leitor a caminhos próprios para a sua realidade, seja em um conto, uma poesia ou simplesmente em uma narrativa que fará no leitor uma expressão fundamental para a decifração do código gráfico.

Segundo Le Boulch (1988), esta expressão é representada através de códigos gráficos, no qual devem ser relacionados os sons ao sentido. Assim, é essencial o

desempenho dos sistemas simbólico sonoro e gráfico, concedendo importância ao aspecto afetivo e ao grau da função simbólica na aprendizagem da escrita. Contudo, a atuação de funções psicomotoras é fundamental para a construção do código gráfico e sua decifração.

O processo para compreender o sentido literário é essencial para a simbologia da aprendizagem, que coloca o autor a descrever momentos ímpares relacionados com seus pontos principais, deixando assim o leitor a procura de sempre mais dentro da realidade da escrita, presando assim os argumentos ficcionais que sempre abrilhanta a realidade da obra.

O sentido literário sempre coloca o leitor conectado a realidade escrita, provocando uma criticidade em cima da realidade que foi construída pelo escritor. O despertar crítico facilita a melhor compreensão e desenvoltura do enredo do texto, face a compreensão do leitor, cada passo diante de uma melhor criticidade facilitará a compreensão do que se escreve.



Imagem 2: Cena do curta-metragem Farpa²

4.3 A catarse

Na ótica de Farpa: um conto alagoano, pode ser compreendido os contrastes da vivência do inimigo que é o corpo feminino, tendo que ser trabalhado para viver, com o pensamento em dias melhores. Os personagens expostos por Arriete remete o sofrimento, não simplesmente da personagem, mas de uma forma mais autêntica da mulher da periferia, que vive dentro do meio social em que o pai não aceita o seu crescimento, do seu jeito simplesmente em ser mulher.

A mulher passa a ser refém do seu corpo. Um problema que dificilmente conseguirá se libertar, como impedir de uma criança crescer? São realidades que a autora aflora e coloca o leitor em situações simples, mas complexidades antagônicas em que o alvo é sempre a figura em ser mulher, momentos difíceis, mas que está contido nesta realidade.

Segundo Le Boulch (1988), a escrita antes de qualquer conceito, é considerada um meio de comunicação e de expressão. Arriete narra em seu livro, visto que os detalhes são vivenciados em momentos ímpares no curta metragem, contudo a obra mostra momentos em que a expressão e a comunicação são embaladas para que o leitor possa sentir cada momento da leitura.

A purificação da figura feminina está no momento em que está sendo denunciado o seu agressor e quando essa mulher levanta para o seu próprio crescimento, mesmo em meio a uma sociedade que não queira incluída, tendo que trabalhar mais, se esforçar cada vez mais para conseguir adentrar nesta sociedade que é tão desigual.

A criança necessita de atenção e cuidados. A produção artística quando expõe a realidade social sobre determinadas situações sofrem com isso, se escondendo em seu próprio mundo, alimentando diversos sentimentos e pensamentos para a sua realidade de mundo.

² Imagens recortadas do curta-metragem Farpa, disponível em <https://youtu.be/A17YOBkpanY>.

No processo de vivência artística, a criança não é apenas uma receptora passiva da arte alheia, pois ao entrar em contato com um quadro, ao ouvir uma música ou ao apreciar uma história, por exemplo, ela é estimulada a ultrapassar sentimentos estabelecidos e elaborar novos. A atividade literária pode ser utilizada como uma catarse, uma libertação de sentimentos que atormentam o ser e tal atividade catártica independe de idade para iniciar. A vivência diária, sob o enfoque da educação por meio de histórias, amplia e sensibiliza a maneira de se enxergar as coisas, e mais, deixa vestígios de emoções provocadas a comportamentos futuros (SILVA; URT, 2016, p. 228).

Essa provocação é uma necessidade de ser trabalhada para a sua libertação e rompimento do atraso e confrontos com seus opressores. Ampliar a sua sensibilidade para o caminho de sua libertação aflora um futuro mais promissor e condizente com uma sociedade mais igualitária. A liberdade está contida no seu processo de purificação do atraso.

A crueldade deve ser mantida em prisões do atraso, que possam se calar no seu próprio interior, dando um olhar mais humano e com um amanhã mais humanizado para essa libertação dos sentimentos ofuscados, favorecendo a vida livre.

O alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral é uma realização de muitas mulheres que tem, seja sua infância roubada, seja por mecanismos de autoritarismos e maus tratos contra a figura da mulher, com isso pode ser melhor compreendido diante da realidade social, cada passo para uma liberdade abre o espaço para uma nova conjuntura social.



Imagem 3: Cena do curta Farpa³

É perceptível que o abandono, a miséria, a violência e o abuso sexual que Eudócia sofreu do pai, reflete em toda a sua trajetória de vida. Esses fatos nos dias atuais são mais corriqueiros em famílias com pouca estabilidade social, o que acaba deixando a menina passar por esses tristes momentos sem rumo na vida, por terem uma infância marcada por um ato monstruoso. No vídeo, isso está em evidência no momento em que a menina enterra uma boneca dando a entender que ela queria dizer que sua infância estava morta, ou seja, sua infância já não existia mais depois de ter sido violentada. E ao chegar ao final do curta-metragem nos deparamos com a cena da personagem com uma criança no colo, causando a catarse no público que o assiste, gerando sentimento de tristeza, medo e pena. Salientando que tudo isso acontece na correria da cidade, entre os abrires e fechares do semáforo.

³ Imagem recortada do curta-metragem Farpa, disponível em <https://youtu.be/A17YOBkpanY>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão dos caminhos de Arriete Vilela e Farpa demonstram um olhar mais aprofundado em espaços sociais específicos, tratando e retratando momentos ímpares para algumas mulheres, assim como crianças, dando um foco maior no sentido dos maus tratos, como também referente ao abuso sexual. Essa é uma realidade que a sociedade atual vem tratando como algo normal.

A respeito da normalidade de abusos sexuais, a maus tratos da figura feminina, como crianças, remete um cuidado que deve ser sempre alimentado para que não possa acontecer com a naturalidade, mas sempre com repúdio e ser tomado as devidas atitudes judiciais. Sabendo que é um conto, mas que deve ser administrado com clareza quando for trabalhado em sala de aula, principalmente com adolescentes.

O trabalho da literatura de Arriete nunca foi denegrir as crianças ou as mulheres, mas sim demonstrar a real circunstancia, que pode está acontecendo em algumas situações na casa ao lado onde moramos, deve ser repudiado de qualquer sentido o abuso sexual, maus tratos a qualquer tipo de pessoa.

O planejamento pedagógico com a obra de Arriete é interessante de ser trabalhada em sala de aula para chamar os jovens sobre a situação que é abordada em uma família desconstituída. Em virtude de que muitos jovens não conhecem a realidade social onde estão inseridos, com esse trabalho do Farpa e da própria literatura de Maria Flor etc. pode gerar resultados positivos para a sociedade.

A direção correta situa um resultado contundente do que foi planejado, efetividade, pertinência e relevância do que foi desenvolvido através da literatura da obra de Maria Flor etc. qualidade no ensino é o resultado para realidade e exigência do planejamento. O trabalho pedagógico com esse tipo de literatura abre o espaço social com um conhecimento crítico ativo.

O conto de Arriete é uma ótica do que a sociedade vem passando, são situações variadas, mas que não deve ser considerada, um conto, mas que alguém está passando por tais situações. O horror de um abuso sexual, ou simplesmente o abandono é algo

incalculável e deve ser pensado e repensado. Tal situação não deve ser acometida, mas sim abraçar o próximo.

A complexidade do conto de Arriete, como o Farpa, são caminhos, no curta não chegou a tratar todos os contos contidos em Maria Flor etc., mas retratou os pontos primordiais para chocar o telespectador, chamando a refletir dos abusos que muitas mulheres e crianças passam. Só pelo fato de ser mulher já existe a provocativa de ser “um sexo frágil” neste sentido deve ser compreendido os caminhos complexos e sociais em que devem ser duramente rebatidos.

A compreensão diante da realidade do conto de Arriete, da figura feminina nos seus desafetos, momentos de diferentes ambientes, do seu convívio social, rompendo assim, seus próprios paradigmas em meio ao caos social e de violação de seu corpo, deixa traços de uma relação inapropriada com frutos que complicará cada vez mais a sua existência.

Esses problemas estão sendo naturalizados, mas não deviam ser. Deve existir o respeito por seu semelhante. O trabalho literário tende a demonstrar, mas de forma neutra, informando os fatos de forma de conto, mas que em sua essência relata algo que é real, que deve ser combatido.

Esse processo de conhecimento em que Arriete vem construindo é de suma importância para o amadurecimento literário brasileiro, que deve ser seguido em sua naturalidade e expressão, onde provoca o leitor a sua criticidade e relação social com os fatos.

Cada escrita vem sendo uma forma de fortalecer e reconstruir uma literatura mais condizente com os entraves brasileiro. A emoção e o sentimentalismo é uma forma natural em que a escritora descreve em seus contos, aflorando a compreensão com a criticidade. Realidade em que a literatura está sendo melhor trabalhada por Arriete.

Face a problemas, equívocos e confiança nas suas próprias práticas que muitos se submetem quando docente a romper momentos próprios em momentos ímpares para a aprendizagem com a construção de um olhar atento ao processo literário crítico, dando espaço para que os jovens possam pensar e colocar no papel, assim como transmitir no seu meio social a relação de crescimento e respeito mútuo, aflorando as questões essenciais

para a vida em harmonia.

Tanto o livro quanto o curta, tem sua essência em convidar o ser humano enquanto pessoa, a refletir os caminhos da sociedade, de quem está sendo incluído e de quem está excluído há muitas gerações, são formulações que devem ser sempre repensadas, em virtude dos caminhos e das modificações em que os contextos sociais estão se firmando.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Manoel. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- AQUINO, Júlio G. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.
- BASSNETT, S. **Estudos de tradução: Fundamentos de uma disciplina**. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2011
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Editora Ática, 2º ed. 1986,
- CARNEIRO, Ana Paula Lima. **A representação da figura feminina em “A Dama das Camélias” de Alexandre Dumas Filho e “Lucíola” de José de Alencar: uma análise comparativa**. – Catolé do Rocha, PB, 2013.
- FERNANDES, Tahisi Rodrigues. **Trânsitos poéticos entre linguagens verbal e visual e aplicações na arte educação**. 2017. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/4438/1/TAHISI%20RODRIGUES%20-%20TCC-1ALPHA%20FINALIZADO.pdf>. Acessado em 12 out. 2019.
- MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. **Novos desafios na formação de tradutores**. In: PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia (Org.). **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: Pós-Graduação em Estudos da Tradução. v. 1, n. 17, p. 25- 44, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6855/6407>. Acesso em: 05 out. 2019.
- MATILDE, Alessandro da Rocha. **As imagens do cotidiano nas aulas de artes**. 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/968/1/Alessandro%20Dda%20Rocha%20Matilde.pdf>. Acesso em 12 out. 2019.
- OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte literária**. São Paulo: Moderna, 1999.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- PAZ, Octavio. **Tradução, literatura e literalidade**. Tradução de Doralice Alvez de Queiroz. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2006: 6.
- PEREIRA, Franciely Tiberino; ARAGÃO, Rafaela Simias. **De Maria Flor etc. à Farpa: uma questão de adaptação**. Disponível no site: <file:///C:/Users/Lab/Downloads/1719-6094->

1-PB%20(1).pdf Acesso em Jan./2020.

PIGNATARI, Décio. **Comunicação poética**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

SAMUEL, Rogel. Arte e sociedade. In: SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de teoria literária**. 13. ed. – Petrópolis: Vozes, 1985. p. 7-16.

SCHERER, Marta Eymael Garcia, ALMEIDA, Luís Alberto Scotto. O cânone positivista e literário na história da crítica brasileira. **Magistro**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. Vol.2, N. 16 (2017). Disponível no site: file:///C:/Users/User/Downloads/3942-11764-1-PB.pdf. Acesso em Jan./2020.

SILVA, Juliana Pereira da & URT, Sônia da Cunha. O valor da arte literária na construção da aprendizagem da criança. **Nuances: estudos sobre educação**. Presidente Prudente-SP, v. 27, n. 1, p. 225-246, jan./abr. 2016.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como Espelho da Nação. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p. 239-263. Artigo disponível em: 63 <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/oz/FCRB_MonicaVeloso_Literatura_espelho_nacao.pdf>. Acesso em: 25 de abr. de 2020.

VILELA, Arriete. **Farpa**. Maceió: Sergasa, 1989.

_____. **Contos reunidos**. Maceió: Cepal, 2011.

_____. **Maria Flor e etc**. 2. ed. Maceió: Poligraf, 2010.

_____. Cinema para provocar: o que há de novo – saiba o que pensa Henrique Oliveira, a nova cara do cinema alagoano. **Gazeta de Alagoas**. Caderno B, 29 abr. 2017.